

ARTE E VIDA: O BALÃO JUNINO COMO FORMA DE LAZER

Recebido em: 24/01/2007

Aceito em: 27/02/2007

*Carlos Augusto Santana Pereira*¹
Grupo de Pesquisa "Anima"/UFRJ

*Edson de Moraes Neto*²

RESUMO: Este estudo tem por objetivo identificar os motivos que levam determinados indivíduos a buscarem o balão junino como forma de lazer. Pretende realizar uma análise dos sentidos e significados que entrelaçam as relações destes indivíduos com estas práticas, desde o processo de construção dos balões até o momento da soltura, refletindo sobre suas ações e caracterizando tal prática como uma atividade eminentemente humana, portanto criadora e artística, possibilitando ao sujeito o devaneio de novos mundos, construídos sob a ótica do artista popular, e engendrando sentimentos singulares de ação coletiva em seus praticantes.

PALAVRAS-CHAVES: Lazer. Balão Junino. Arte.

LIFE AND ART: THE JUN'S BALOON AS LEISURE FORM

ABSTRACT: This study has as purpose to identify the reasons that lead certain individuals to seek the June's balloon as a way of leisure. Intend to realize an analysis of senses and meanings that interlace relationships of these individuals with such practical, since the construct process of the balloons till the moment of its freedom, reflecting about their actions and describing such practical as an activity highly by human, therefore creative and artistic, allows to the subject dream of new world, constructed under artist popular optic, and engender single feelings of general action in its practitioners.

KEYWORDS: Leisure. June's balloon. Art.

Introdução

Este estudo tem por objetivo identificar os motivos que levam determinados indivíduos a buscarem o balão junino como forma de lazer. Pretende realizar uma análise dos

¹ Mestre em Tecnologia Educacional para a Saúde - NUTES/UFRJ. Bacharel em Educação Física - EEFD/UFRJ. Membro do Grupo de Pesquisa ANIMA: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais – UFRJ.

² Especializando em Esporte Escolar - CEAD/UNB. Bacharel em Educação Física - EEFD/UFRJ.

sentidos e significados que entrelaçam as relações destes indivíduos com estas práticas, desde o processo de construção dos balões até o momento da soltura, refletindo sobre suas ações e caracterizando tal prática como uma atividade eminentemente humana, portanto criadora e artística, possibilitando ao sujeito o devaneio de novos mundos, construídos sob a ótica do artista popular, e engendrando sentimentos singulares de ação coletiva em seus praticantes.

O grupo de baloeiros escolhido, situado na Zona Norte do Rio de Janeiro, está entre os primeiros organizados na cidade, sendo o mais antigo ainda em atividade no país (40 anos de existência, aproximadamente). Isso por certo torna este grupo um informante privilegiado, devido às suas condições históricas, permitindo uma melhor apreensão da evolução do modo de vida da comunidade de baloeiros.

Além de inúmeras idas a campo, com intuito de melhor compreender o universo do balão junino, é importante citar que foram realizadas quatro entrevistas, com os membros mais antigos e/ou mais ativos dentro do grupo de baloeiros. Estes membros serão denominados, de forma a manter seu anonimato (tendo em vista que a atividade de confeccionar e soltar balões é tida como ilegal), de Santo Antônio, São Pedro, São João e São Jorge. A escolha destes nomes é motivada pela estreita ligação histórica entre o balão e a festa junina, principal momento de culto aos santos católicos.

O Mundo do Balão Junino³

O balão junino pode ser definido como um globo de papel que recebe em seu interior uma massa de ar quente, gerada pela bucha (elemento de propulsão auto consumível: algodão hidrófilo ou papel toalha embebido com combustível de gordura animal), que exerce pressão no interior do mesmo, impulsionando-o para o alto.

Existem vários tipos de balões, que variam de acordo com os adereços utilizados, formatos, ou mesmo o horário em que se planeja soltá-los. Seus custos e tempo de confecção também são variados.

Os balões “fogueteiros”, podem ser diurnos⁴ ou noturnos⁵. A preparação destes dispensa menos tempo, porém a atenção tem que ser redobrada em função do perigo dos fogos. Os outros balões (como o Balão Montgolfier⁶, o Balão Pião de Bagdá⁷, o Balão Pião Carrapeta⁸ e os Balões de Recorte ou Feitios⁹) podem ou não ser mais custoso que os anteriores, dependendo dos moldes¹⁰ e/ou adereços¹¹ que por ventura venham a carregar.

A evolução da tecnologia do balão não é fruto somente de descobertas científicas mas de adaptações e constatações, num constante processo de erro e acerto, passados através das gerações.

Os meus avós morreram e passou para um tio meu (...) e ele começou a soltar balões no seu bairro e eu garoto fui andando por lá, e sempre soltava balões pequenos, né (...) aí, me tornando adulto, comecei a fazer balões pequenos e usando canchos [técnica usado para colocar 'copinhos' ao redor do bojo do balão de forma que fique bem próximo], o que poucos baloeiros conheciam, e essa técnica eu aprendi com meus avós, que passaram para o meu tio, que passou pra mim (...) aquilo você tinha que colar aqueles canchos de arames no balão e rascava muito e então nós inventamos uma técnica de colocar gavetinhas no balão e ali encaixava os arames (...) e aí a coisa foi aumentando, foram surgindo balões maiores, balões de 15 metros, 18 metros, em seguida passou para balão com bandeira, bandeiras pequenas e de preferência estreitas por conta dos travessões (...) hoje existe as antenas, mas naquele tempo não existia,

³ Parte das descrições que serão apresentadas tiveram apoio no estudo de Carneiro (1986).

⁴ "Podem ser dos mais variados formatos, mas normalmente arredondados, que levam cargas de fogos, asa deltas, pára-quedas, fumaças coloridas, etc." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.316).

⁵ "Idem aos diurnos, porém com ênfase aos fogos de cores" (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.316).

⁶ "Geralmente lançados de dia, com molde desenvolvido por Ivo Patrocínio, inspirado no modelo dos irmãos franceses Ethiene e Joseph Montgolfier" (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.316).

⁷ "Modelo desenvolvido inspirado na arquitetura pontiaguda da cidade que leva seu nome. Normalmente lançado de dia" (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.316).

⁸ "De formato inspirado nos piões de madeira de nossa infância, foi desenvolvido com perfeição por Ivo Patrocínio. É quase que exclusivamente para ser lançado de dia." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.316)

⁹ "São balões que imitam com perfeição formas das mais variadas: pessoas, objetos, animais, flores, frutas... São os mais difíceis de serem confeccionados e lançados." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.316)

¹⁰ "Modelos de balões pré-confeccionados por meio de cálculos de geometria e matemática, muito difundido no meio; hoje são feitos inclusive, através de computador." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.318)

¹¹ "São elementos confeccionados de vários tipos de materiais, geralmente de uso diurno, que os balões levam como lastro. Exemplos: pipas, asa-delta, figuras em isopor, etc." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d*. p.316)

you had to put a bamboo, didn't have the distance of the rope, and when she went up she "closed" (SANTO ANTÔNIO, 2002, oral communication).

Over time, the release of the Juno balloon began to move through different days in the national calendar (and not only in Juno festivals), trying always to occupy festive dates, such as family birthdays, saints' days, sports victories (Copa do Mundo de Futebol, etc.), with climatic conditions being a decisive influence.

Making a Juno balloon requires a relatively high cost, with expenses ranging from paper and glue, basic elements for the construction of the balloon, to sandwiches consumed during its release. Everything is financed by the balloon makers, who many times take money from the domestic budget for the practice, or raise capital through parties organized by them. Few times this investment is recovered. It can happen that the balloon makers who released the balloon manage to catch it, which is a very difficult thing to happen, even so, losses with fireworks and the deterioration of the paper are large. For the balloon makers, the only purpose is the "art of the balloon" as a creative and artistic element that allows the subject to identify himself with it.

Due to the difficulty of acquiring the material necessary for the construction of the balloon, balloon makers are increasingly grouping together, forming true cooperatives, which, by accumulating capital, buy material in larger quantities, resulting in lower prices.

In Brazil, where inflation is high, you take advantage of the low price period. We buy to stockpile. After, with the material in hand, you plan what to do with it (...) capital is that, you have a box where everyone puts a certain amount, and when the need arises, you take out what you need from the box, so we do a rotation, the more grateful collaborate more (...)

alguns dizem que um balão custou tanto, mas aí tá incluída a mão-de-obra, e a mão-de-obra é demorada e cansativa (...) uma bandeira leva um ano ou até mais para ser feita. Para fazer um balão, ele puro, sem nada, até que é rápido, agora para decorar você leva de seis a sete meses (...) no balão de 40 anos de turma, nós levamos mais de dois anos na decoração, e geralmente um balão desse tamanho é um ou dois no máximo para decorá-lo, porque mais de dois atrapalha (...) geralmente quem decora sou eu e o SÃO JORGE (...) a tarefa coletiva é só na confecção e no fechamento do balão, agora na decoração não, na decoração é um número reduzido, primeiro que não pode trabalhar com muita gente e outra que você tem que ter uma idéia de desenho, né!?! (SANTO ANTÔNIO, 2002, comunicação oral).

O balão junino possui etapas para confecção que vai desde a escolha do tipo do balão ao tema que será apresentado. Este pode variar segundo as necessidades do grupo: fazer uma homenagem a algum membro do grupo ou familiar, prestar tributo a algum santo católico (tema recorrente entre os baloeiros), ou mesmo uma temática que proporcione um desenho que seja de beleza esplêndida e de agrado de todos. A ordem em que cada etapa do trabalho é realizada pode variar, dependendo do acordo estipulado no plano de trabalho criado pelos baloeiros de um determinado grupo.

Antes nós fazíamos primeiro a confecção do balão, hoje nós invertemos. Nós estamos fazendo primeiro a bandeira. Quando o projeto vem pra mesa, um dos integrantes mais importante do grupo, o que sabe manejar melhor com papel, começa cortando a bandeira todinha em tacos de 5cm a 10cm, e o formato do desenho fica com aqueles tacos; a bandeira é feita em escalas (SÃO JOÃO, 2002, comunicação oral).

Em seguida são organizadas as tarefas que cada membro tem quem executar. Em grupos mais antigos, algumas tarefas já estão pré-estabelecidas, porém algumas reorientações são sempre feitas. Mesmo com funções específicas, todos participam do processo de estruturação do balão e conhecem a totalidade do processo.

Se for um balão decorado que você vai fazer, 1º você escolhe o tema, por exemplo. Se for um balão de bandeira, você desenvolve a bandeira de acordo com o tema, você faz a decoração do balão de acordo com o desenho que será feito na bandeira. Depois você vai para a compra do papel, as cores que serão usadas. (...) Você tem o desenho da bandeira e a partir dali você começa a contabilizar quanto se gastará de papel, de arame. Em seguida começa a feitura do balão, a cortar o papel do balão, que é um

papel especial chamado “segunda via”. A decoração é feita com papel fino comum. Depois você escolhe o molde do balão, se vai ser pião, se vai ser *truffie*, o que for. Na nossa turma tem divisão das tarefas. A nossa turma é pequena, somos apenas cinco, destes dois fazem a confecção, outros dois, se for balão de armação, vão fazendo os copinhos, separando as varetas e enrolando-as para fazer o desenho, e, no momento que vamos pro campo, se for balão de armação, todo mundo faz junto. Mas enquanto o balão está na mesa, na bancada, aí tem divisão. Geralmente quem faz a decoração do balão é o SÃO JORGE junto com o SANTO ANTÔNIO, que cortam o papel da decoração para quando ir na colagem já estar tudo cortadinho e ir colocando direto no balão. Eles fazem a conta de tudo para fazer a decoração na conta certa, e não pode ter erro, porque se errar na decoração vai ter que fazer mais uma decoração daquela, entendeu?!? Se você colar errado não dá pra voltar, aí você tem que rasgar por que não tem mais jeito. Por isso que tem ser uma pessoa que esteja acostumada a fazer aquilo, porque se botar qualquer um para fazer... Eu posso fazer, mas não vou fazer com a rapidez com que eles fazem. Cada um consegue fazer qualquer tarefa do balão, mas não vai fazer com mesma perfeição com que o outro faz, por ele já está acostumado, porque ele faz sempre, ele só faz aquele tipo de coisa. O SÃO JOÃO, por exemplo, ele sempre fez a bucha, se me botarem para fazer, eu vou fazer, mas não vou fazer com tanta rapidez como o SÃO JOÃO faz, porque ele já sabe os 'esquemas'. Quando ele molha o algodão e põe no saco de estopa e enrola tudo, ele sabe quando tem que enrolar mais apertado ou mais frouxo, mais aberto ou mais fechado, e o fogo do balão depende muito disso, depende muito da bucha, a bucha muito apertada ela não abre a chama. Ela apertada devagarzinho, ela fica boa, ela abre chama, entendeu?!? (SÃO PEDRO, 2002, comunicação oral).

Em cada turma de balão cada um tem uma afinidade. Eu, por exemplo, tenho missão em casa para fazer. Eu faço as lanternas do balão, faço a antena do balão. Cada um tem um tipo de serviço (SÃO JOÃO, 2002, comunicação oral).

Depois de confeccionado o balão e com todos os acabamentos prontos, chega a hora do lançamento. É a etapa crucial, pois é neste momento que o trabalho do baloeiro, com todo o seu tempo despendido na “bancada”¹², deverá ser recompensado. É neste momento que todos os baloeiros empenhados na construção do balão encontram-se em clímax total, atentos aos mínimos detalhes, pois a menor falha pode colocar tudo a perder, desperdiçando um empreendimento que custou tempo e dinheiro. Mais do que isso, a enorme frustração, pois, como os próprios baloeiros dizem, “não há nada que pague o prazer de ver um balão no céu”.

A semana que o balão vai subir é a semana mais nervosa. A gente faz a projeção de tudo, separamos o material pro campo, né? Prepara a bucha, prepara as guias para

¹² "Mesa de comprimento variado, com altura ideal para a confecção de balões, sem que seja necessário curva-se para tal, proporcionando mais conforto aos artesãos." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d.* p.317)

sustentar o balão, a antena tem que estar projetada para ir para o campo. E tudo isso é feito durante essa semana até chegar a hora de soltar o bicho. É neste momento que vamos ver o nosso trabalho indo pro alto. (...) No sábado tem que ter cuidado de olhar o jornal, previsão do tempo, se o tempo vai estar compatível ou não pro lançamento ter sucesso, depois nós vamos para o campo. (...) No sábado vamos pro campo, preparamos tudo, a antena, o cabresto e acordamos no domingo às 5h 30min da manhã, para colocar o balão, para encher o balão e soltar o bicho dependendo do tempo e do vento. (...) No balão de dia a condição ideal é não ter vento e céu azul, e à noite a mesma coisa, tempo aberto, estrelado e sem vento. E aí seja o que Deus quiser! (SÃO JOÃO, 2002, comunicação oral).

Dependendo do tipo do balão que vai ser lançado, os preparativos serão feitos de modo diferente. Por exemplo, para o balão do tipo de “armação”¹³ é preciso maior tempo para os arranjos de lançamento ficarem prontos. No balão de armação, os baloeiros têm que confeccionar um esboço da armação no solo, de acordo com desenho determinado pelo tema. O balão de armação é noturno.

Para soltar, depois que o balão estiver pronto, a gente marca um dia, marca uma data, ficando todo mundo ciente. Aí entra um outro trabalho, se for bandeira, a gente faz a antena da bandeira, geralmente é com caniço que a gente faz, leva ela pro campo. Você faz o cabresto todo. Tudo isso dá trabalho! Para você soltar um balão no domingo de manhã, você tem gastar o sábado anterior todinho. (...) No dia nos vamos pro local marcado, a gente acordo cedo, transporta o balão pro campo, amarra a bandeira na antena, em seguida enche o balão e todo mundo ajuda a soltar (SÃO PEDRO, comunicação oral, 2002).

Uma das partes mais interessantes na soltura do balão é a participação dos espectadores. Nos balões de armação, por exemplo, é impensável que somente os baloeiros exerçam a soltura. Na armação é necessário que muitas “lanternas”¹⁴ estejam fixadas e, no momento correto, acesas, para formar o brilho com o desenho planejado. É neste momento

¹³ "Configurações feitas de barbante, varetas japonesas, arame, etc., com desenho definido, onde são penduradas lanternas multicoloridas, formando desenhos com seus pontos de luz, tendo como pano de fundo o negro da noite." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d.* p.316)

¹⁴ "Copo de papel normalmente de formato cônico, multicolorido, que leva em seu interior pequena vela fixada através de castiçal feito de cartão, que acesa proporciona lindo visual com o contraste do escuro da noite" (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d.* p.318).

que o fenômeno do balão atinge seu estado maior de socialização e integração na “arte” com o seu povo.

Neste momento alguns espectadores, voluntariamente, sendo do grupo de baloeiros ou não, podem ajudar na arrumação da armação. Cada participante que ali coloca seus esforços na armação contribui para elaboração desta “arte eminentemente comunitária”.

São serviços coletivos, dá para um bocado de gente trabalhar, e tem gente que não gosta de ficar olhando. (...) O balão de armação leva seis mil lanternas. E para pendurar seis mil lanternas na armação, com variadas cores, cada fase do balão é uma cor, cada desenho do balão é uma cor, quantas pessoas tem que ter para fazer isso? Tem que ter umas três ou quatro orientando e geralmente se faz isso em uma ou duas horas (SANTO ANTÔNIO, 2002, comunicação oral).

Após o enchimento do balão com gases quentes, acontece o momento em que a bucha é encaixada na “boca”¹⁵ e acendida. O balão, com a força exercida pelos gases no interior e mantidos pelo fogo da bucha, começa a adquirir altitude elevando sua armação, a cangalha de fogos e/ou adereço específico do balão. Neste instante a atenção é total, pois é o momento no qual obra separa-se de seus artistas. Todos os presentes, desde os baloeiros que trabalharam meses na estruturação do balão até os espectadores que ali estão e ajudaram de alguma forma no momento do lançamento, ficam ansiosos com o desfecho final, que pode ser a glória total, com o balão subindo aos céus, ou então a decepção profunda, com qualquer erro que possa vir acontecer e comprometer o seu lançamento.

Com um lançamento bem sucedido, entra a última etapa: a captura do balão. Sempre a cargo de grupos específicos de baloeiros, que podem ser exclusivamente de captura ou então que também constroem balões. Os balões capturados geralmente são relançados ou vendidos para outros integrantes. É no momento da captura que o fenômeno do balão encontra uma

¹⁵ "Abertura na parte exterior do balão, onde normalmente é colado e amarrado o aro de arame, na qual será introduzida a aranha e suas bucha." (BUENO; PATROCÍNIO, *s/d.* p.317).

nova dimensão. A competição é acirrada entre os pretendentes do resgate, que chegam a brigar pela recuperação. Esta dimensão é um pouco mal vista pelos baloeiros mais antigos.

Infelizmente essa captura... Nós somos todos amigos, mas na hora parece que tem uma turmazinha que fica doida, não consegue se controlar, fica nervosa e por incrível que pareça sai até confusão, sem necessidade (...) Porque qualquer um que quer pegar o balão vai estar lá para ver a soltura. Na há necessidade dessa confusão toda, mas ela existe, tem diminuído porque estamos trabalhando para melhorar isso. Hoje em dia melhorou porque antigamente até arma usavam. Atualmente o pessoal antigo tá dando em cima, estamos tentando conscientizar que o negócio não é esse, que isso é prejudicial, e a coisa está melhorando (SANTO ANTÔNIO, 2002, comunicação oral).

Esta atitude de recuperar balões não é comum a todas as equipes, existem aquelas que somente soltam balões. “A nossa turma não vai atrás de balão para capturar. A gente vai atrás dele só para ver onde vai cair, mas para disputar o balão não, nos vamos só de farra para ver onde o balão vai cair” (SÃO PEDRO, 2002, comunicação oral).

Depois de encerrado esse ciclo, tudo recomeça, reforçado pelo ânimo que foi alimentado durante a última soltura, e que constitui uma força para que o baloeiro continue a sua arte.

O Balão como Forma de Lazer

O balão pra mim foi uma das melhores coisas que aconteceram na minha vida e gostaria que no futuro meu filho encontrasse amigos como eu encontrei no meio do balão (SÃO JOÃO, 2002, comunicação oral).

Como dito no capítulo anterior, o baloeiro não tem nenhuma retribuição material com os gastos e com o tempo utilizado na confecção do balão, caracterizando tal atividade como essencialmente voluntária e seu tempo de confecção e soltura desprovidos de obrigatoriedade, destacando-se como um fenômeno eminentemente lúdico, em que os indivíduos buscam o prazer compreendido dentro do conceito de tempo e atitude, caracterizando-se assim como

uma atividade de lazer (MELO e ALVES JR, 2003). Quando perguntados se o balão é uma atividade de lazer, os baloeiros foram unânimes:

O balão é um lazer, sempre um lazer. (...) Primeiro a gente faz porque gosta. Segundo é o seguinte, é que aquilo faz parte daquilo que a gente vem cultivando esse tempo. Por exemplo, tem uns que gostam de pescar, outros que gostam de futebol, e a gente gosta disso também. O baloeiro é um maluco inveterado! Ele gosta de tudo, gosta de pesca, gosta de balão, gosta de samba, gosta de praia, gosta de tudo, mas aquilo ali pra gente é um momento muito especial, entendeu?!? Não um momento qualquer, é uma coisa muito especial (SÃO PEDRO, 2002, comunicação oral).

O balão é lazer com certeza. (...) O prazer é vê-lo cheio e subir. O lazer tá nisso aí. Além do que todo mundo se conhece, todos têm um laço de amizade muito grande, tem sempre um almoço, uma festa, um aniversário de um amigo nosso. É isso. O lazer e o prazer tá nisso. Até porque a gente trabalha o dia todo, a semana toda naquela rotina diária, no casa-trabalho-casa, casa-trabalho-casa, e aí quando você vai fazer uma coisa que você gosta, você relaxa, você esquece do trabalho. (...) Você chega do trabalho aborrecido, aí você chega no barracão e conversa com os amigos, aí acabou, um começa a rir, a sacanear o outro, é assim (SÃO JOÃO, 2002, comunicação oral).

Para os baloeiros entrevistados, o tempo dedicado à atividade de balão é variável e depende somente do andamento da feitura do balão. Se os trabalhos estão no início, começando a confecção, o tempo dedicado é em média três vezes por semana num período de três horas, podendo o integrante está presente ou não no barracão, pois tem serviços que podem ser deslocados e feitos em sua própria casa. Quando se está próximo da soltura do balão, o trabalho aumenta e a intensidade dependerá de quanto esforço será necessário, segundo o tipo do balão que será lançado.

Geralmente três vezes na semana: segunda, quarta e sexta ou segunda, terça, quarta e sexta, direto, depende do trabalho que você vai fazer, depende do andamento do balão. Às vezes ficamos a semana toda, mas para mim não dá por que tenho que trabalhar. (...) Por dia, geralmente, três horas, de 8h às 11h da noite, isso normal, agora quando o balão vai subir e tem que separar tudo para ir pro campo, aí não, aí nós vamos e perdemos um ou dois dias inteiros no campo. No último balão de armação ficamos duas semanas arrumando a armação para que ele subisse no domingo (SÃO JOÃO, comunicação oral, 2002).

Nós estamos no barracão três vezes por semana, por dia nós tiramos três horas, e às vezes, para acelerar o trabalho, mais uma vez na semana. (...) E se um dia você puder fazer a tarefa em casa, você traz para casa. (...) Não parece não mas a gente tem muita coisa para fazer, e a equipe tem que estar entrosada para isso tudo (SÃO PEDRO, comunicação oral, 2002).

Embora pratiquem outras formas de lazer - "Geralmente eu estou passeando com minha família. (...) Pela tarde saio com meu filho, vamos no parque, e a noite eu saio com minha esposa para tomar um chopinho e comer uma pizza" (SÃO JOÃO, 2002, comunicação oral) - o balão continua sendo a prioridade - "Atualmente meu lazer é esse: balão! Eu tô aposentado né?!? Quando não tô na frente da televisão eu tô cortando papel, é por isso que acho que cheguei aos 67 anos com saúde!". (SANTO ANTÔNIO, 2002, comunicação oral)

Sendo o balão uma atividade de lazer, cabe ainda nos questionarmos: por que tais indivíduos buscam o balão junino como forma de lazer? O prazer que sentem em soltar balão e a amizade entre os membros são algumas das principais justificativas dos baloeiros em buscar o balão como forma de lazer. Vejamos o que os baloeiros falam sobre sua paixão pelo balão.

A paixão pelo balão é o seguinte, a pessoa que gosta ou que solta balão, a qualquer momento que ela sai de casa, já olha pro alto, tá entendendo como é o lance!? A paixão pelo balão!? Ela sai de casa, o tempo tá bonito, pode ser de dia ou de noite, ela já tá olhando pro alto para ver se tem balão. A alegria do baloeiro é ver balão no alto. Quando chega a época de junho e julho eu não saio do terraço. (...) Se alguém liga para tua casa e diz que amanhã vai subir o balão da turma tal, você já está sabendo da história daquele balão, como ele foi confeccionado, os comentários sobre o balão, se ele tá bonito e tudo mais e, mesmo você não sendo o soltador do balão, você vai lá para ver o trabalho dos caras. (...) Quando saio de manhã cedo para trabalhar já olho pro céu, já é instantâneo, mesmo que você não queira. Quando saí de casa já olho pro céu (SÃO JOÃO, 2002, comunicação oral).

Todo mundo tem uma afeição a uma determinada coisa. Uma pessoa que não tem afeição a uma determinada coisa ela não vive, ela vegeta! Você tem que ter afeto a alguma coisa, se não tiver, meu camarada, você não vive. Essa que é a realidade (SANTO ANTÔNIO, comunicação oral, 2002).

Essa paixão é fruto de um relacionamento entre o balão e o baloeiro. Os baloeiros vinculam à sua prática sentimentos que a tornam algo muito especial, algo com que se identificam verdadeiramente. No capitalismo contemporâneo a geração do lucro extrapolou as relações de produção entrando em todo o campo da vida social. O balão, diferentemente dos produtos vinculados pelo lazer formato da Indústria Cultural, dignifica os baloeiros por seu um objeto carregado de significados e símbolos criados por eles próprios. A criação só ocorre se houver paixão. E a paixão do balão está em seu caráter artesanal.

Uma visão neutra, objetiva, científica, que pretende ser justa, igualitária, asséptica ignora, precisamente, que as coisas acontecem na paixão, na crença desmedida, na sombra, no gosto pela ilusão, na parcialidade, segundo uma perspectiva interessada, amante, instintiva. O homem, diz Nietzsche, cria quando ele ama, quando mergulha na ilusão do amor, quando acredita de maneira incondicional em algo justo e perfeito (PELBART, 2000. p.67).

Tais significados carregam consigo toda uma produção que é inerente à forma como o baloeiro se relaciona com a cultura e a natureza, proporcionando experiências estéticas que valorizam o olhar do indivíduo, com sentimentos e sensações que reverberam na vida do baloeiro. Essa situação consiste em criar formas de viver singulares e, instintivamente e inconscientemente, produzir a sua obra de arte, tendo como matéria-prima a própria vida: os baloeiros como artistas “involuntários”.

A sua obra consiste em criar instintivamente formas e imprimir cunho: são os artistas mais involuntários e mais inconscientes; onde eles aparecem, em pouco tempo há alguma coisa de novo, maquinismo vivo, onde está limitada e ordenada a função de cada parte e tudo acha a sua significação com respeito ao conjunto. Estes grandes organizadores não sabem que coisa seja falta, responsabilidade, respeito, neles reina este egoísmo terrível do artista com olhar de aço que se sente justificado a priori na sua obra, como a mãe no seu filho (NIETZSCHE, 1985. p.53).

Nesse contexto poderíamos considerar o baloeiro como um artista? Sem entrarmos nos formalismos vindos dos “especialistas em arte”, que muitas vezes agem em conjunto com

Industria Cultural servindo ao mercado como meros controladores e patenteadores; o balão, como fenômeno estético, possibilita ao baloeiro o embelezamento de sua vida, isto é, a própria vida enquanto obra de arte: "balão pra mim é a vida!" (SANTO ANTÔNIO, 2002, comunicação oral).

A arte de embelezar a vida não é uma atividade cosmética, exercida sobre uma realidade descolorida e sem graça; não é a arte de esconder, envolvendo com véus a paixão e a miséria dos insatisfeitos. (...) Embelezar a vida é sair da posição de criatura contemplativa e adquirir os hábitos e os atributos de criador, ser artista de sua própria existência. (...) A passagem da reflexão sobre as obras de arte para uma reflexão bem particular, a vida mesma considerada como obra de arte (DIAS, 2000. p.17-18).

Temos que relativizar o termo embelezar para compreendermos o significado de tal palavra no âmbito do balão. Ao falarmos de embelezamento não estamos propondo uma beleza num conceito platônico, onde uma forma ideal de belo já estaria estabelecida. Pelo contrário, a beleza aqui empregada não diz respeito a um referencial metafísico, mas sim a sua construção concreta, permeada pela realidade, abarcando tanto o delicado como o rude, tanto o suave como o grotesco, tanto o feio como o bonito. "Se o gosto foi bom ou mau, significa menos do que se pensa - é suficiente que seja um gosto próprio!" (NIETZSCHE apud DIAS, 2000. p.21). Como diz um dos entrevistados "A gente quer mostrar nossa obra, quer mostrar nosso trabalho, se tá feio ou tá bonito pra gente não importa" (SÃO PEDRO, 2002, comunicação oral).

Quando o baloeiro, referindo-se ao seu balão, emprega o pronome "*nossa*", não faz ao acaso. É preciso termos atenção a este fato. Diferentemente do que ocorre no mundo do trabalho capitalista, em que a relação do trabalhador com o produto é alienada, ou seja, o trabalhador não se reconhece como feitor do produto que fabricou (e o pior, o produto acaba por dominar o trabalhador), no balão a relação do baloeiro com seu produto, com sua obra de arte, é inteiramente construída sob a ótica da *necessidade própria*, ou seja, o baloeiro vê em

sua obra o reflexo de si, parte de seu tempo, de sua criatividade, de sua alegria, de sua tristeza.

O balão como prolongamento de seu corpo.

O balão pra mim ele respira, tem vida própria, é o caso dos vazadores que tem no balão. Aquilo é mesmo para ele respirar e se não tiver aquilo ali ele abafa e morre, aí a gente dá vida a ele, e com isso ele leva um pouco da nossa também, essa é a realidade! (SANTO ANTÔNIO, 2002, comunicação oral).

É nesse encontro consigo mesmo que o baloeiro modifica seu espaço, sua forma de viver. No balão ele faz uso de sua concepção de vida para criar uma obra que possa responder às suas angústias, às suas necessidade estéticas, reverberando no seu modo de vida e reconhecimento de sua existência, num processo de ruptura, dando estilo ao seu próprio caráter: um “eu” *seu*.

O “eu” é uma criação, uma construção, um cultivo de si permanente. Para ousar ser um si mesmo é preciso antes de mais nada de uma tarefa: dar estilo ao próprio caráter, acomodando os vários aspectos de sua própria natureza, inclusive as fraquezas, colocando-as em uma totalidade aprazível de acordo com um plano artístico (DIAS, 2000. p.20).

Obviamente que o relacionamento entre os baloeiros extravasa o círculo do balão. Muitos deles creditam o bom relacionamento entre os componentes como um grande incentivador para continuarem no mundo do balão.

É uma família, é um irmão e você não participa não só da confecção do balão, você passa a participar da família também. Esse coleguismo é tanto que às vezes passa a ser mais que um irmão, entendeu?!? Você esta em má situação, tá o pessoal em cima contigo; num problema, tá todo mundo junto contigo. O balão consegue fazer isso, unir as famílias dos componentes. Quantos anos eu vivo com o SÃO PEDRO, com o SÃO JORGE? Quantos anos estamos todos juntos? (...) É uma família que surge assim... Há uma união que não é brincadeira. Quando um cara tá em apuros, a gente tá lá pra ajudar. E o balão fez isso, fez essa união de várias famílias (SANTO ANTÔNIO, 2002, comunicação oral)

A gente sempre tem que ter uma voz de alento, uma voz de conselho, uma voz de mais velho. Às vezes, numa situação difícil, o pessoal se agrupa, como já teve casos como

de um amigo nosso que foi roubado um carro, naquela época o pessoal de balão se juntou, nos arrumamos, e demos um carro pro cara, fizemos uma vaquinha e demos um carro para o cara, um cara que era do meio. (...) Aquilo foi uma prova da nossa força, da nossa capacidade de humildade. (...) Aquilo foi uma prova da nossa capacidade de aglutinação de pessoal e poder fazer as coisas (SÃO PEDRO, 2002, comunicação oral).

Essa amizade, essa confraternização, essa união é pautada no desejo de compartilharem da mesma causa: o balão. Há um fator maior, uma necessidade imperiosa, visceral, que os agrupam. O sentido da coletividade está na valorização de seus instintos, na exasperação de suas vontades, que condicionam essa aliança pela arte de fazer balões.

Conclusão

O balão junino tem por característica uma organização gregária de indivíduos com o mesmo fim: confeccionar e soltar balões. Organização esta que possui normas e regras de organização bem definidas dentro do grupo, podendo variar em outros grupos, e que obedecem a critérios como a idade dos indivíduos, tempo de balão (vivência no mundo do balão) e conhecimentos técnicos específicos e gerais.

Porém, ao longo da pesquisa, na revisão de literatura, nas observações e entrevistas, coletamos informações que, se não contradizem diretamente estas apreensões, servem de suporte para questioná-las.

As equipes de baloeiros se mostram grupos muito organizados em torno dos processos de criação, confecção e soltura do balão. Esta organização por vezes se mostra rígida. Na divisão de tarefas é comum que cada um faça aquilo que melhor sabe fazer. Em outros momentos é extremamente maleável, como na participação ativa dos espectadores nas tarefas finais no momento da soltura, etc.

Os valores estéticos no mundo do balão são os mais variados, não sendo estabelecido nenhum tipo de padrão tido por ideal e que deva ser seguido. As variações vão desde seu formato, passando pelos motivos da decoração (desenhos, figuras, iluminação) até àqueles que são alvos de suas homenagens: santos, figuras de destaque no desporto ou da sociedade, até homenagens a membros relevantes do grupo ou datas comemorativas. Esta livre criação é característica inerente do fenômeno, justificando até a apreensão dos baloeiros de que seus artefatos sejam obras de arte, e eles verdadeiros artistas. A maior preocupação dos baloeiros é com a qualidade e a beleza de seu trabalho, com o sucesso da soltura e com o impacto que causará nos espectadores.

Concluímos, então, que o balão junino é uma atividade característica da cultura, por todos os aspectos já citados. Sofre com esta questão e se molda aos aspectos que a favorecem, ou a reprimem, resignificando-se e mantendo-se no dia-a-dia de nossa sociedade.

Referências

BUENO, Odair; PATROCÍNIO, Ivo. *Balão: paixão inexplicável*. São Paulo: Sonora. *s/d*.

CARNEIRO, Sandra Maria de Sá. *Balão no céu, alegria na terra*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1986.

DIAS, Rosa Maria. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de S. G.; ALEXANDRE, Veras. (Org.) *Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JR, Edmundo de Drummond. *Introdução aos estudos do lazer*. São Paulo: Manole, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Moraes, 1985.

PELBART, Peter Pál. Deleuze, um pensador intempestivo. In: LINS, Daniel; COSTA, Sylvio de S. G.; ALEXANDRE, Veras. (Org.) *Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão*. Rio de Janeiro. Relume Dumará. Fortaleza. Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

PINTO, Humberto. *Pela discriminalização do balão junino*. Disponível em <http://amigosdobalão.hpg.com.br>. Acessado em 16/07/2001.

Endereço dos Autores:

Carlos Augusto Santana Pereira

End.: Travessa do Mosqueira, nº21, ap.504

Lapa/Centro – Rio de Janeiro – RJ

Endereço Eletrônico: carlosufrj@yahoo.com.br

Edson de Moraes Neto

Rua Moura Costa, 67 casa 2

Planalto – Belo Horizonte – MG

Endereço Eletrônico: edsonmneto@yahoo.com.br